



**INSTITUTO DE ESTUDOS PARA O
DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL**

**A INDÚSTRIA DE
TRANSFORMAÇÃO POR
INTENSIDADE TECNOLÓGICA:
RETROCESSO NO SEMESTRE
E MELHORAS À VISTA**

AGOSTO/2016

Conselho do IEDI

<i>Conselheiro</i>	<i>Empresa</i>
Amarílio Proença de Macêdo	J. Macêdo Alimentos S/A
Bernardo Gradin	GranBio S/A
Carlos Eduardo Sanchez	EMS - Indústria Farmacêutica Ltda
Carlos Francisco Ribeiro Jereissati	Jereissati Participações S/A
Carlos Mariani Bittencourt	PIN Petroquímica S/A
Cláudio Bardella	Bardella S/A Indústrias Mecânicas
Claudio Gerdau Johannpeter	Gerdau Aços Longos S/A
Dan Ioschpe	Ioschpe-Maxion S/A
<i>Vice-Presidente</i>	
Daniel Feffer	Grupo Suzano
Décio da Silva	WEG S/A
Eugênio Emílio Staub	Conselheiro Emérito
Fabio Hering	Companhia Hering S/A
Flávio Gurgel Rocha	Confecções Guararapes S/A
Frederico Fleury Curado	Membro Colaborador
Geraldo Luciano Mattos Júnior	M. Dias Branco S.A
Hélio Bruck Rotenberg	Positivo Informática S/A.
Henri Armand Slezzynger	Unigel S.A
Ivo Rosset	Rosset & Cia. Ltda.
Ivoney Brochmann Ioschpe	Conselheiro Emérito
Jacks Rabinovich	Campo Belo Ltda
João Guilherme Sabino Ometto	Grupo São Martinho S/A
José Antonio Fernandes Martins	Marcopolo S/A
José Carlos Grubisich	Eldorado Brasil Celulose S/A
José Roberto Ermírio de Moraes	Votorantim Participações S/A
Josué Christiano Gomes da Silva	Cia. de Tecidos Norte de Minas-Coteminas
Laércio José de Lucena Cosentino	TOTVS S/A
Lírio Albino Parisotto	Videolar S/A
Lucas Santos Rodas	Companhia Nitro Química Brasileira S.A.
Luiz Alberto Garcia	Algar S/A Empreendimentos e Participações
Luiz de Mendonça	Odebrecht Agroindustrial S/A
Marcos Antonio Molina dos Santos	Marfrig Global Foods S.A.
Murilo Pinto de Oliveira Ferreira	Vale S.A.
Ogari de Castro Pacheco	Cristália Produtos Químicos Farmacêuticos Ltda.
Olavo Monteiro de Carvalho	Monteiro Aranha S/A
Paulo Cesar de Souza e Silva	Embraer S.A.
Paulo Diederichsen Villares	Membro Colaborador
Paulo Francini	Membro Colaborador
Paulo Guilherme Aguiar Cunha	Conselheiro Emérito
Pedro Franco Piva	Klabin S/A
Pedro Luiz Barreiros Passos	Natura Cosméticos S/A
Pedro Wongtschowski	Ultrapar Participações S/A
<i>Presidente</i>	
Ricardo Steinbruch	Vicunha Têxtil S.A.
<i>Vice-Presidente</i>	
Robert Max Mangels	Mangels Industrial S/A
Roberto Caiuby Vidigal	Membro Colaborador
Rodolfo Villela Marino	
<i>Vice-Presidente</i>	Elekeiroz S.A.
Rômêl Erwin de Souza	Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais - USIMINAS
Rubens Ometto Silveira Mello	Cosan S/A Ind e Com
Salo Davi Seibel	Duratex S/A
Victório Carlos De Marchi	Cia. de Bebidas das Américas - AmBev
Vitor Sarquis Hallack	Camargo Corrêa S/A

A INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO POR INTENSIDADE TECNOLÓGICA: RETROCESSO NO SEMESTRE E MELHORAS À VISTA

Na passagem de maio a junho último a indústria de transformação brasileira cresceu 1,3%, trazendo a perspectiva de uma fase melhor para o setor, muito embora, no primeiro semestre frente a igual período de 2015, a tenha ocorrido retração ainda intensa: -8,4%. Mesmo o mês de junho observou encolhimento da indústria de transformação, de -5,0%. O resultado do acumulado em 12 meses terminados em junho teve retração de 10,1%, levando ao menor patamar desde julho de 2004.

O retrocesso no semestre se fez acompanhar de uma redução no déficit dos bens típicos da indústria de transformação, que ficou em US\$ 2,8 bilhões, contra um saldo negativo de US\$ 23,5 bilhões no mesmo acumulado de 2015. Esse menor déficit, porém, decorreu sobremaneira da queda nas importações, visto que as exportações em dólares correntes retrocederam 1,2%.

A retração ainda expressiva da indústria de transformação pode ser ilustrada pela classificação adotada pela OCDE segundo a qual o setor se divide em quatro faixas de intensidade tecnológica: alta intensidade, média-alta, média-baixa e baixa intensidade tecnológica.

- A faixa de alta intensidade registrou declínio de 10,8% no semestre. Desde janeiro de 2015, a taxa tem sido negativa na comparação entre acumulado do ano e igual período do ano anterior. No contraponto entre meses de junho, o retrocesso foi de 0,9%. Em doze meses, a queda chegou a 15,6%. As atividades do complexo eletrônico têm concorrido bastante para tais contrações: como um todo teve declínio de 27,0% no semestre. Em contraste, a indústria farmacêutica cresceu 1,9%, puxada pelo incremento de 2,5% em abril-junho.

- O segmento de média-alta intensidade sofreu a retração mais aguda dentre as quatro faixas no acumulado do ano até junho, -13,5%, com a indústria automobilística puxando a queda. Retração, aliás, disseminada tem todos os ramos dessa faixa: da produção de bens de capital, máquinas e equipamentos à indústria de material de transporte terrestre passando pela indústria química. A queda mais aguda foi na indústria automobilística e afins, com retrocesso de 21,2%. Para a faixa de média-alta intensidade como um todo, no contraste entre meses de junho, a produção física caiu 1,8%, enquanto, em doze meses, 16,8%.
- A indústria de média-baixa recuou 10,2% quer na comparação entre primeiros semestres, quer entre meses de junho. Nas duas bases comparativas, o declínio foi generalizado. Em doze meses, a variação foi de -9,9%. A produção de bens metálicos, que inclui a siderurgia (declínio de 13,1%), e a de produtos de petróleo refinado, álcool e afins ditam o dinamismo dessa faixa, com ambos declinando (queda de 5,9%)
- A faixa de baixa intensidade experimentou recuos menos agudos, com declínio de 2,6% na comparação entre os primeiros seis meses e o mesmo acumulado do ano anterior. No confronto entre meses de junho, a queda foi de 3,2%. Em doze meses, essa faixa produziu 4,5% menos. Notar que a produção das indústrias alimentícias, de bebidas e fumo, a de maior peso na estrutura industrial devido ao ramo de alimentos industrializados, cresceu 1,0%. Porém a queda nos demais, em especial nos ramos mais intensivos em mão-de-obra (ramo têxtil, de vestuário, couro e calçados; e o de manufaturados não especificados noutras atividades), mais do que contrabalançou o resultado positivo da indústria de alimentos e bebidas. Mesmo as indústrias madeireira, de papel e celulose, de impressão e gráfica sofreram contração no semestre.

Em suma, verifica-se alguns sinais de melhora para a indústria de transformação no contraponto mês contra mês imediatamente anterior,

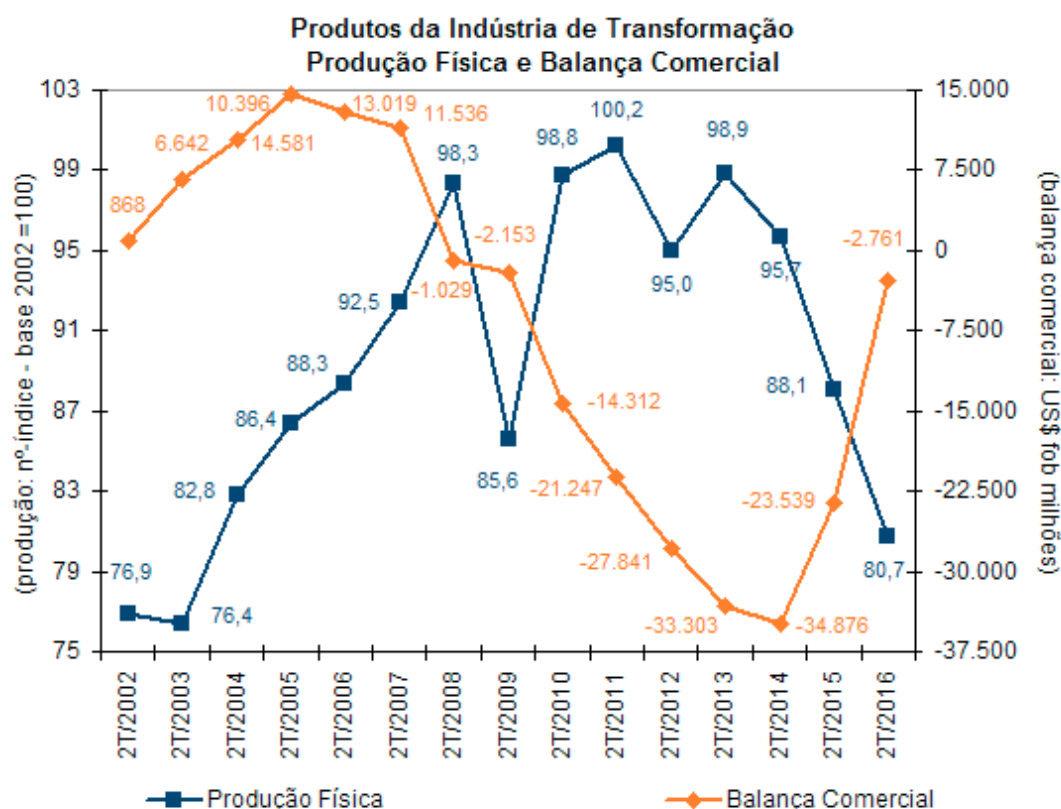
mas em fase inicial. Ainda estão presentes as dificuldades para o retorno ao patamar de produção que já se alcançou na indústria brasileira e para fazer com que o investimento seja o motor do crescimento. Para tanto as exportações permanecem cruciais.

Uma Visão Geral da Indústria de Transformação

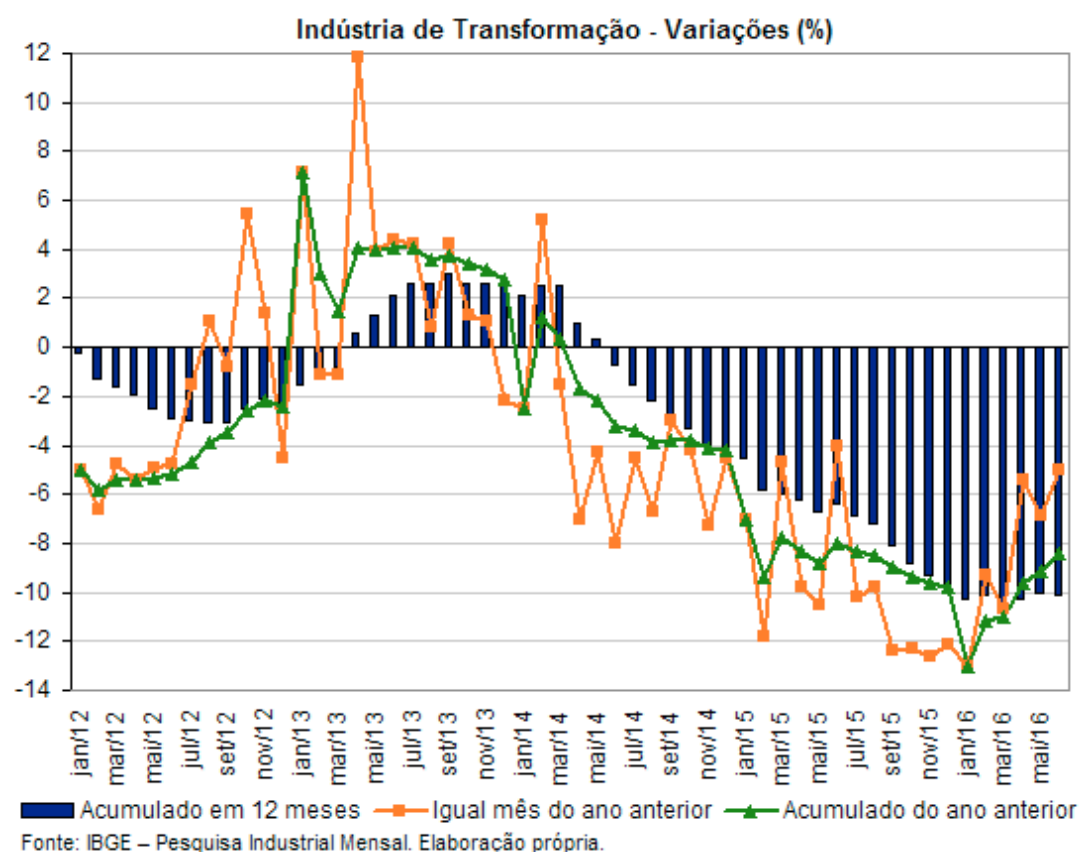
Embora na passagem de maio para junho último a indústria de transformação brasileira tenha crescido 1,3%, as comparações frente ao ano anterior permanecem desfavoráveis: no contraponto entre meses de junho, queda de 5,0%, enquanto, no de segundos trimestres, recuo ainda maior, de 5,7%. No acumulado do ano, a produção física retrocedeu 8,4%. Já em 12 meses terminados em junho, a variação foi de -10,1%.

O retrocesso em janeiro-junho teve em paralelo uma redução no déficit da balança comercial dos bens típicos da indústria de transformação, que ficou em US\$ 2,8 bilhões, contra um saldo negativo de US\$ 23,5 bilhões no mesmo acumulado de 2015. Todavia a diminuição na grandeza do déficit ocorreu com recuo de 1,2% nas exportações em dólares correntes.

Diferentemente do comportamento da primeira metade dos anos 2000, quando a melhoria na balança comercial de bens típicos da indústria de transformação encontrava paralelo com o crescimento da produção física do setor, a recessão tem levado a uma melhora no saldo comercial com retrocesso produtivo.



Fonte: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal. Elaboração própria com base na taxonomia da OCDE/ Standatabase.



A Indústria de Transformação por Intensidade Tecnológica

O desempenho da produção física da indústria de transformação pode ser apreendido agrupando suas atividades em quatro faixas de intensidade tecnológica, seguindo parâmetros da OCDE: alta intensidade, média-alta, média-baixa e baixa intensidade.

Cumprir frisar que, com os aprimoramentos metodológicos da PIM-PF, utilizou-se a indústria de transformação sem computar a atividade de manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos. Esse ramo passou a ser discriminado na versão mais recente da Classificação Industrial Internacional Uniforme (CIIU) e, por conseguinte, na versão 2 da Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE). Abaixo encontram-se expostos resultados selecionados para as faixas de intensidade tecnológica, ressaltando-se de que os mesmos estão sujeitos a revisões.

Indicadores Conjunturais da Indústria Geral e da Indústria de Transformação por Intensidade Tecnológica em junho de 2016

Segmentos	Variação %			
	Igual Mês do Ano Anterior	Igual Trimestre do Ano Anterior	Igual Acumulado do Ano Anterior	Acumulado em 12 meses
Indústria Geral	-6,0	-6,7	-9,1	-9,8
Indústria Extrativa	-12,5	-13,2	-14,0	-7,9
Indústria de Transformação	-5,0	-5,7	-8,4	-10,1
equipamentos	-8,7	-12,0	-10,6	-10,8
instalaç. de M&E	-4,9	-5,8	-8,3	-10,1
Alta	-0,9	-5,9	-10,8	-15,5
Farmacêutica	2,1	2,5	1,9	-4,0
Material de escritório e informática	-8,9	-24,8	-32,8	-42,5
Equipamentos de rádio, TV e comunicação	-5,0	-15,7	-27,2	-28,4
Instrumentos médicos, de ótica e precisão	-11,9	-20,0	-27,3	-22,5
Memo: complexo eletrônico	-8,2	-17,4	-27,0	-30,5
Média-Alta	-1,8	-7,9	-13,5	-16,8
Máquinas e equipamentos elétricos n. e.	0,0	-5,5	-13,2	-16,0
Veículos automotores, reboques e semi-reboques	-4,3	-14,0	-21,2	-26,8
Produtos químicos, excl. farmacêuticos	2,9	-0,8	-1,9	-4,2
Máquinas e equipamentos mecânicos n. e.	-2,9	-7,3	-16,0	-17,1
Média-Baixa	-10,2	-10,4	-10,2	-9,9
Borracha e produtos plásticos	-1,9	-6,2	-11,1	-11,7
Produtos de petróleo refinado e outros combustíveis	-13,2	-9,8	-5,9	-6,1
Outros produtos minerais não-metálicos	-9,9	-10,4	-11,9	-11,3
Produtos metálicos	-7,1	-11,3	-13,1	-12,7
Baixa	-3,2	-0,3	-2,6	-4,5
Produtos manufaturados n.e. e bens reciclados	-7,0	-12,8	-13,4	-13,1
Madeira e seus produtos, papel e celulose	-2,0	-1,9	-3,3	-6,6
Alimentos, bebidas e tabaco	-3,9	3,3	1,0	-0,5
Têxteis, couro e calçados	0,4	-5,4	-8,4	-11,5

Fonte: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal. Elaboração Própria (resultados preliminares, sujeitos à alteração).

Notas: A faixa de alta intensidade computa também a indústria aeronáutica; a faixa de média-alta computa também a fabricação de equipamentos ferroviários e de outros de transporte; a faixa de média-baixa computa também a construção naval.

Ainda que venha se observando alguma melhora na comparação entre mês e mês imediatamente anterior (série dessazonalizada), a recessão permanece, só que com menor intensidade, fazendo com que no acumulado do ano todos os quatro segmentos de intensidade tecnológica tenham se retraído. O de média-alta intensidade sofreu a maior queda no primeiro semestre. O de alta e o de média-baixa sofreram quedas na casa dos -10%. A faixa de baixa intensidade declinou menos acentuadamente.

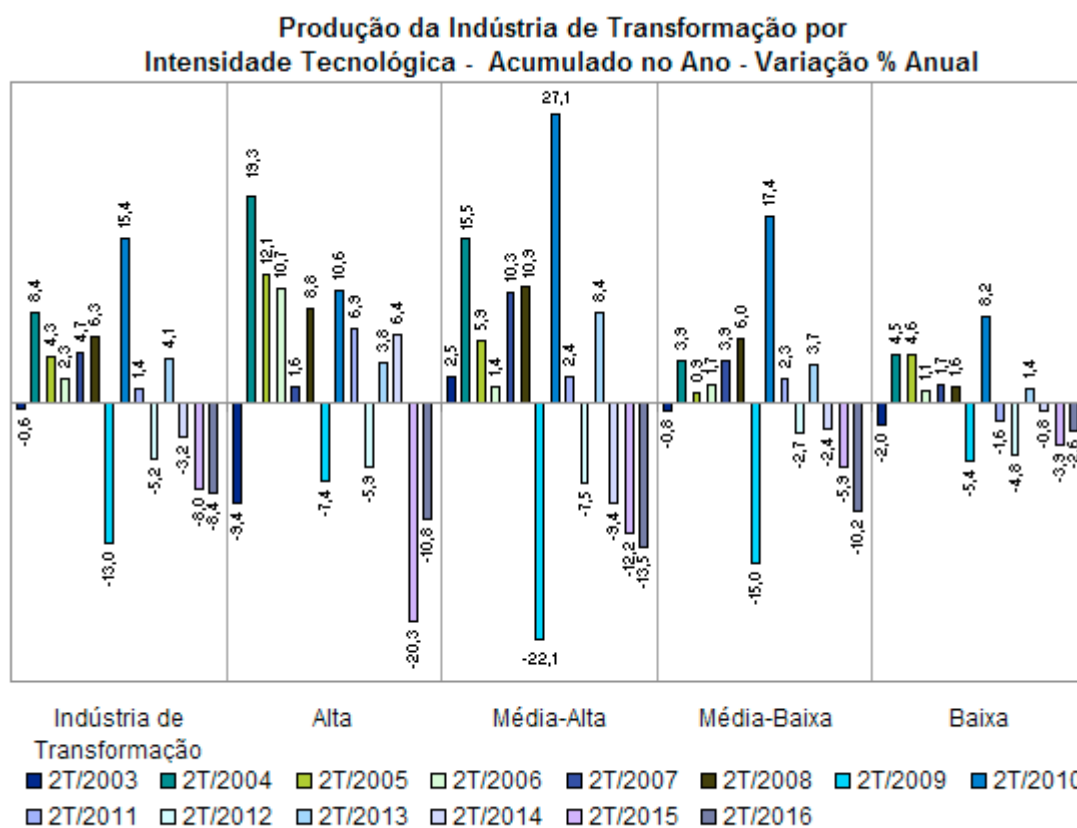
A faixa de alta intensidade registrou declínio de 10,8% no semestre. Desde janeiro de 2015, a taxa tem sido negativa na comparação entre acumulado do ano e igual período do ano anterior. No contraponto entre meses de junho, o retrocesso foi de 0,9%. Em doze meses, a queda chegou a 15,6%. As atividades do complexo eletrônico têm concorrido bastante para tais contrações.

O segmento de média-alta intensidade também sofreu diminuição expressiva no acumulado do ano até junho, taxa de -13,5%, com a indústria automobilística puxando a queda. Retração, aliás, disseminada tem todos os ramos encampados por essa faixa: da produção de bens de capital, máquinas e equipamentos à indústria de material de transporte terrestre passando pela indústria química. No contraste entre meses de junho, a produção física caiu 1,8%. Em doze meses, 16,8%.

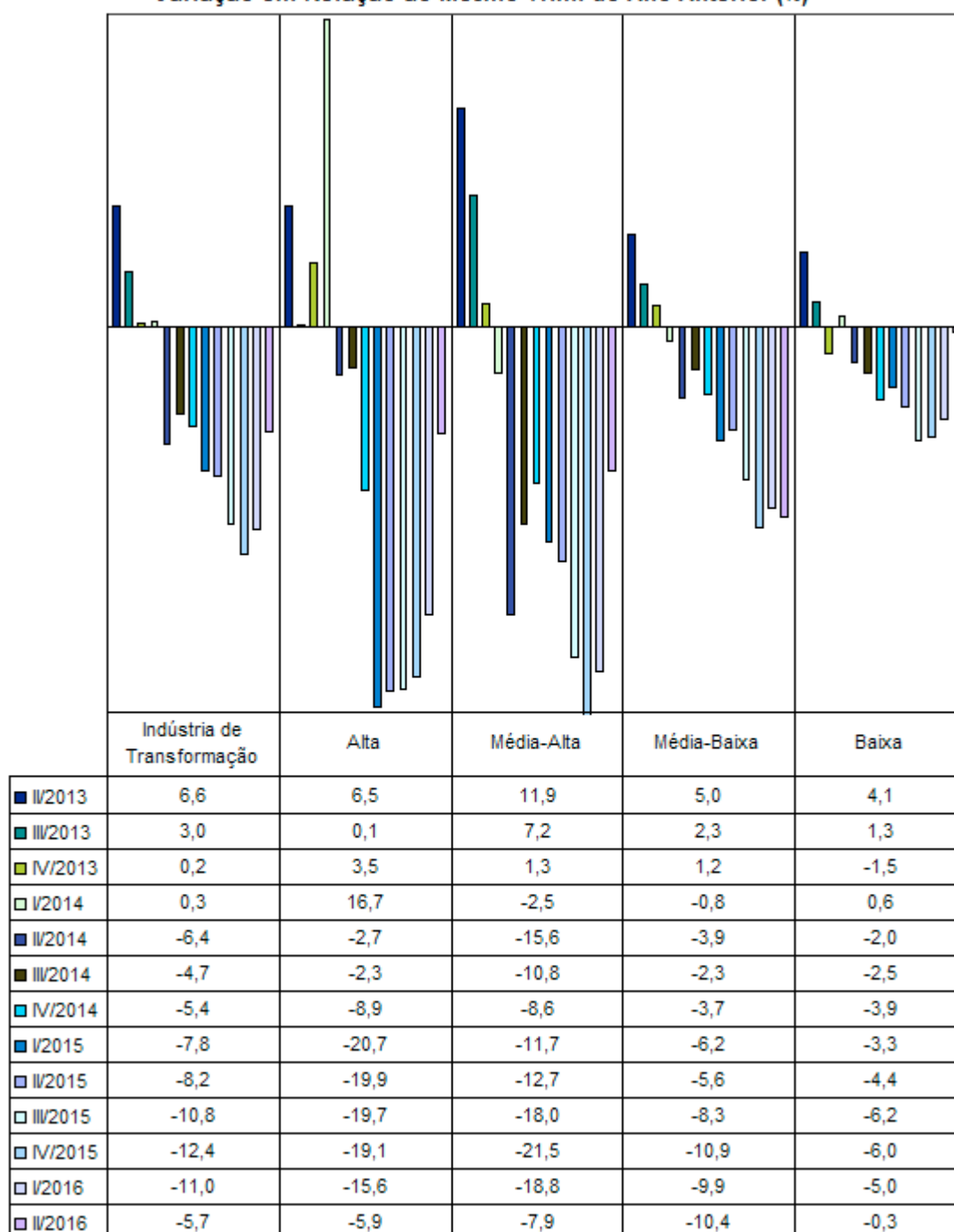
A indústria de média-baixa recuou 10,2% quer na comparação entre primeiros semestres, quer entre meses de junho. Nas duas bases comparativas, o declínio foi generalizado. Em doze meses, a variação foi de -9,9%. A produção de bens metálicos, que inclui a siderurgia, e a de produtos de petróleo refinado, álcool e afins ditam o dinamismo dessa faixa.

A faixa de baixa intensidade experimentou recuos menos agudos, com declínio de 2,6% na comparação entre os primeiros seis meses e o mesmo acumulado do ano anterior. No confronto entre meses de junho, a queda foi de 3,2%. Em doze meses, essa faixa produziu 4,5% menos. Notar que a produção das indústrias alimentícias, de bebidas e fumo, a

de maior peso na estrutura industrial devido ao ramo de alimentos industrializados, cresceu 1,0% no semestre, com taxa positiva também na comparação entre segundos trimestres.



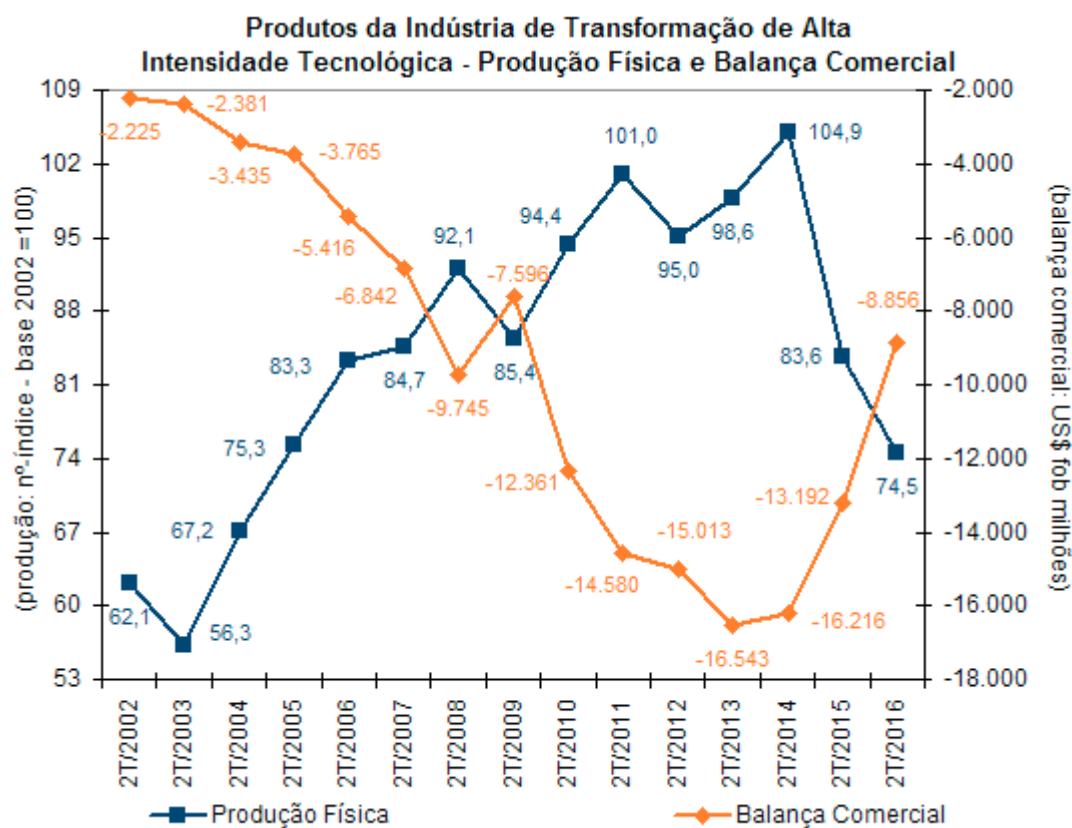
Produção da Indústria de Transf. por Intensidade Tecnológica
Varição em Relação ao Mesmo Trim. do Ano Anterior (%)



Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal. Elaboração própria com base na taxonomia da OCDE/ Standatbase.

Alta Intensidade Tecnológica

O segmento tecnologicamente mais intensivo nos termos da OCDE sofreu retração de 10,8% no primeiro semestre de 2016. Em junho a taxa foi de -0,9%, queda menor que a observada no segundo trimestre como um todo: queda de 5,9% frente a igual trimestre de 2015. Em doze meses, a variação ficou em -15,5%. Aliás, tomando-se o acumulado em doze meses, desde agosto de 2005, a produção física não ficava tão baixa. Quanto ao déficit comercial dos produtos tipicamente oriundos desse segmento no primeiro semestre, de US\$ 8,9 bilhões, significou o menor déficit para esse período desde 2009. A redução nas importações contribuiu muito para tanto, mas as exportações cresceram, puxadas pelas vendas externas da indústria aeronáutica. A maior parte das atividades da faixa de alta intensidade produz bens complexos com várias etapas e inseridos em extensas cadeias globais de valor, como os da própria aeronáutica e os do complexo eletrônico.



Fonte: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal. Elaboração própria com base na taxonomia da OCDE/ Standatabase.

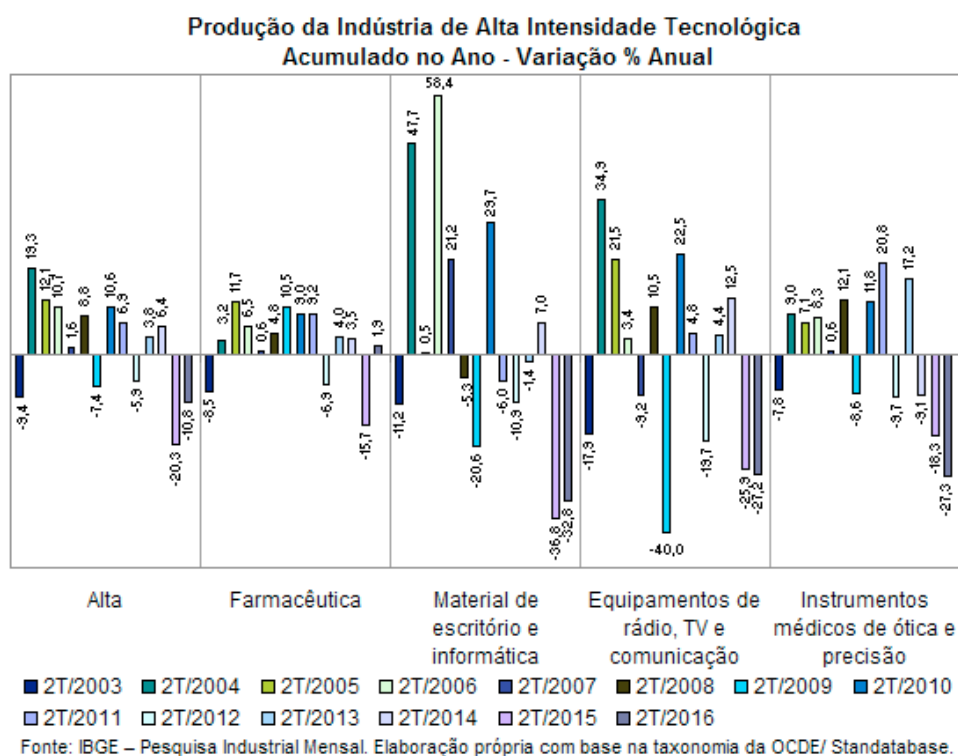
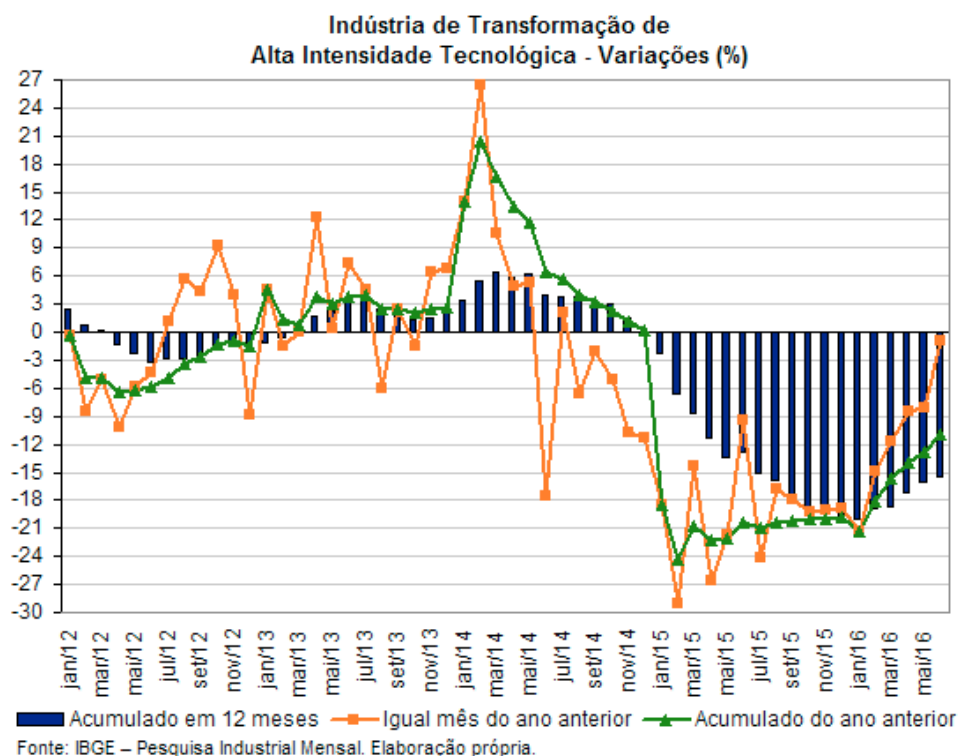
A indústria farmacêutica se distingue das demais dessa faixa por não produzir bens montados. E, diferente da faixa como um todo, apresentou expansão de 1,9% em janeiro-junho, com colaboração do mês de junho, incremento de 2,1%, próximo ao logrado em abril-junho: 2,5%. Tais números não foram o suficiente para uma taxa positiva em doze meses, declínio de 4,0%. No primeiro semestre, o déficit comercial de bens tipicamente produzidos por esse ramo chegou a US\$ 3,1 bilhões. As importações caíram 2,5%, enquanto as vendas para o exterior caíram 12,9%.

Quanto ao complexo eletrônico, sua expressiva retração de 27,0% em janeiro-junho decorreu do desempenho de seus três ramos. Todos declinaram bastante. O maior dos três no País é a fabricação de equipamentos de rádio, TV e comunicação, que abarca também partes e componentes eletrônicos usados não só nela, mas em uma miríade cada vez mais ampla de atividades. Sua retração foi de 27,2%, com abril-junho tendo recuado de 15,7% vis-à-vis o mesmo trimestre de 2015. Confrontando meses de junho, a produção caiu 5,0%. Em doze meses, o recuo foi de 28,4%. O menor consumo do País contribuiu ainda para um déficit menor nos bens desse ramo ante o ano passado. Porém, mesmo caindo, o saldo ficou negativo em US\$ 3,3 bilhões, com as exportações tendo declinado 21,3%.

A produção de equipamentos de informática e de escritório retrocedeu 32,8% na primeira metade de 2016, com queda de 24,8% na comparação entre segundos trimestres e 8,9% entre meses de junho de 2016 e de 2015. Em doze meses, a variação foi ainda pior: -42,5%. Similarmente à fabricação de aparelhos de áudio, vídeo e de comunicações, a retração do mercado doméstico culminou em menor déficit em janeiro-junho, ficando em US\$ 1,6 bilhão, com exportações em dólares correntes maiores, mas em patamar muito baixo.

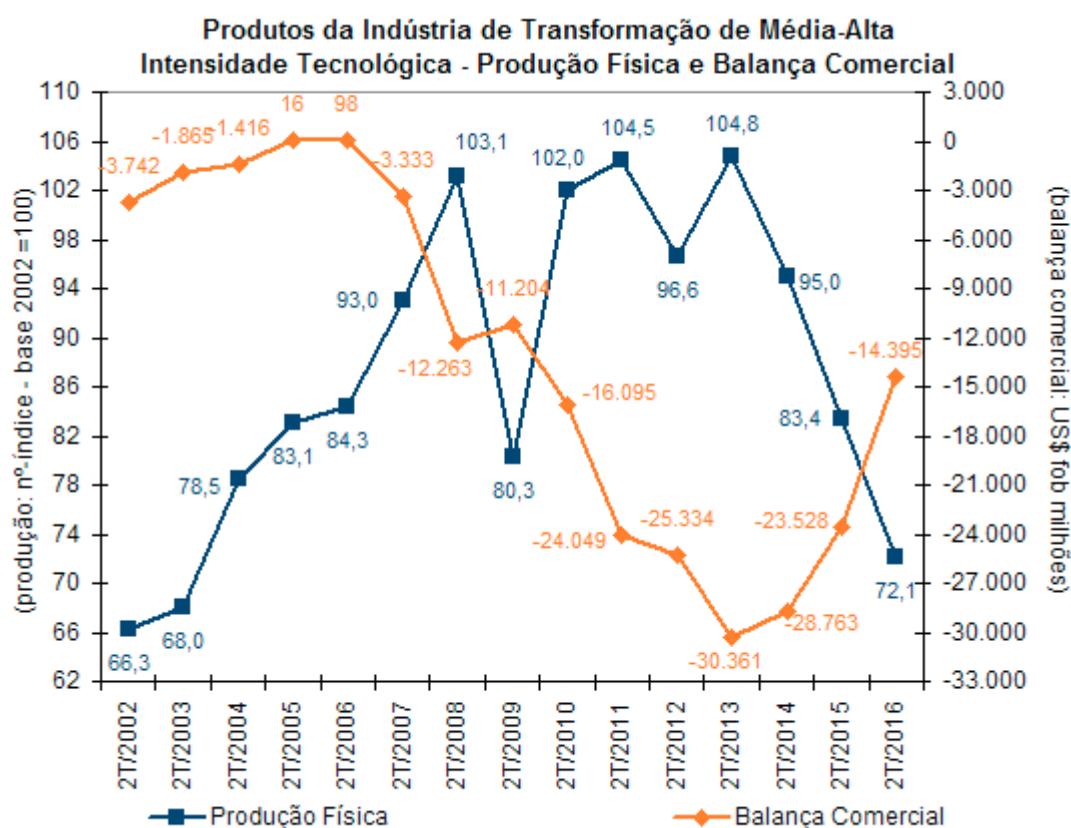
Já a produção de equipamentos médico-hospitalares, instrumentos de precisão e material ótico e fotográfico teve retração também expressiva: declínio de 13,3% no primeiro semestre. Abril-junho apresentou recuo de 12,8%, puxada pela queda de 20,8% no contraponto entre meses de

junho de 2016 e de 2015. Em doze meses, o declínio foi de 12,2%. Em janeiro-junho, o déficit em produtos típicos da atividade chegou a US\$ 2,1 bilhões, com exportações cadentes.



Média-alta Intensidade Tecnológica

A faixa de média-alta sofreu declínio de 13,5% no acumulado até junho frente ao mesmo período de 2015. Abril-junho teve queda de 7,9% frente igual trimestre do ano anterior. Junho registrou decréscimo de 1,8%. Em doze meses, a produção diminuiu 16,8%. Nesse começo de ano, o déficit dos produtos típicos desse segmento ficou em US\$ 14,4 bilhões, menos que a metade do déficit observado em janeiro-junho do ano passado. As exportações em dólares correntes recuaram 12,8%. A redução do déficit não impediu que esse conjunto de bens mantivesse a posição de maior déficit dentre as quatro faixas de intensidade tecnológica.

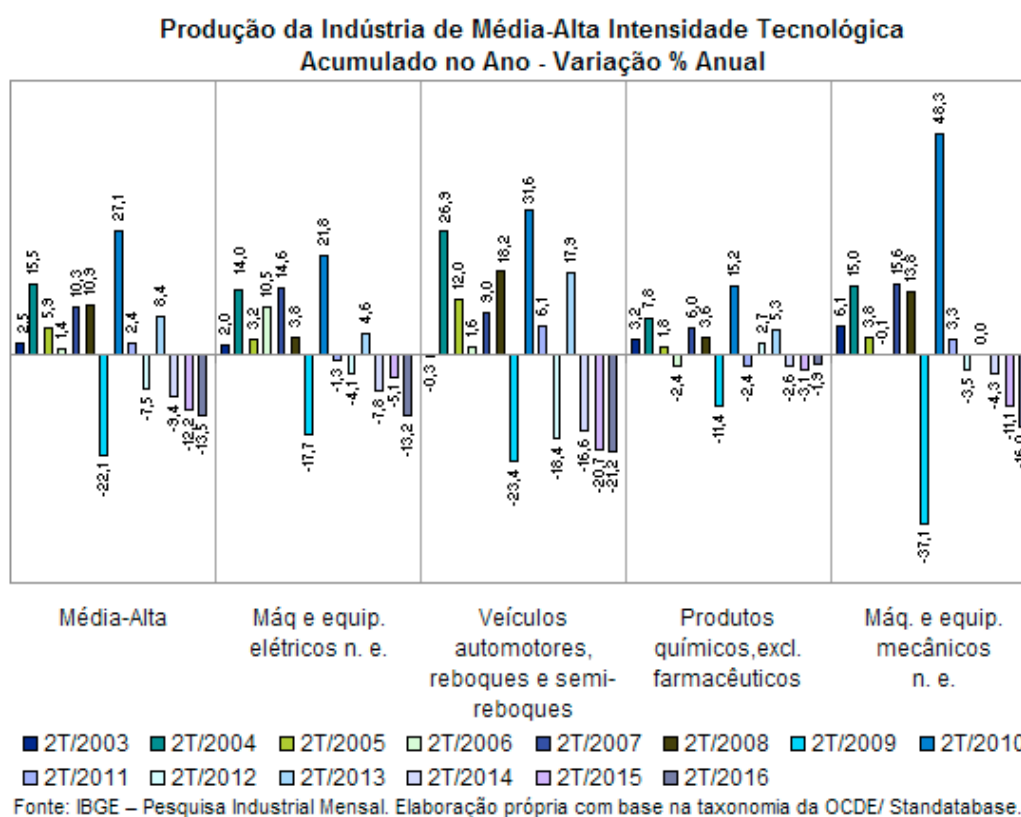
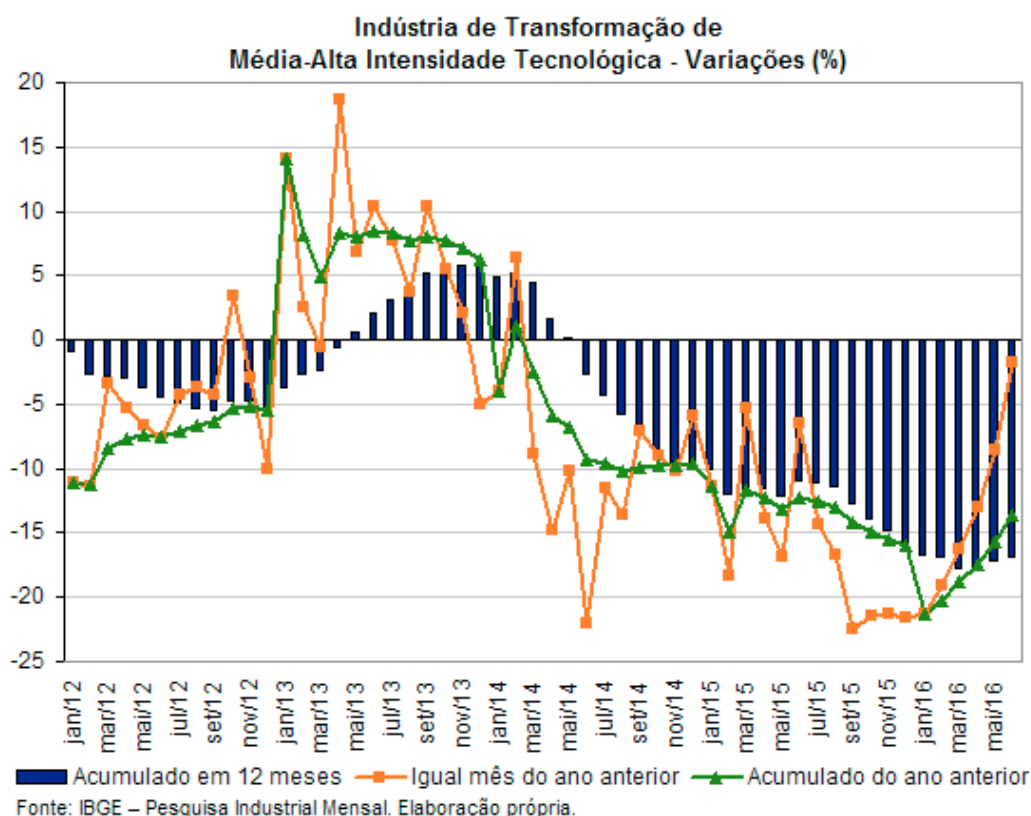


Fonte: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal. Elaboração própria com base na taxonomia da OCDE/ Standatbase.

A produção da indústria química diminuiu 1,9% no primeiro semestre. Apesar da retração, foi o ramo da faixa de média-alta cuja produção menos caiu. Aliás, o segmento químico logrou incremento de 2,9% na comparação entre meses de junho. Confrontando o segundo trimestre com igual período de 2015, a variação foi de -0,8%. Em doze meses, a taxa foi de -4,2%. Em janeiro-junho, o saldo comercial dos produtos químicos (exclusive farmacêuticos) registrou o maior déficit dentre todos os grupos de bens das quatro faixas de intensidade tecnológica, de US\$ 8,4 bilhões. Porém a magnitude do déficit declinou. As exportações em dólares correntes recuaram 4,4%.

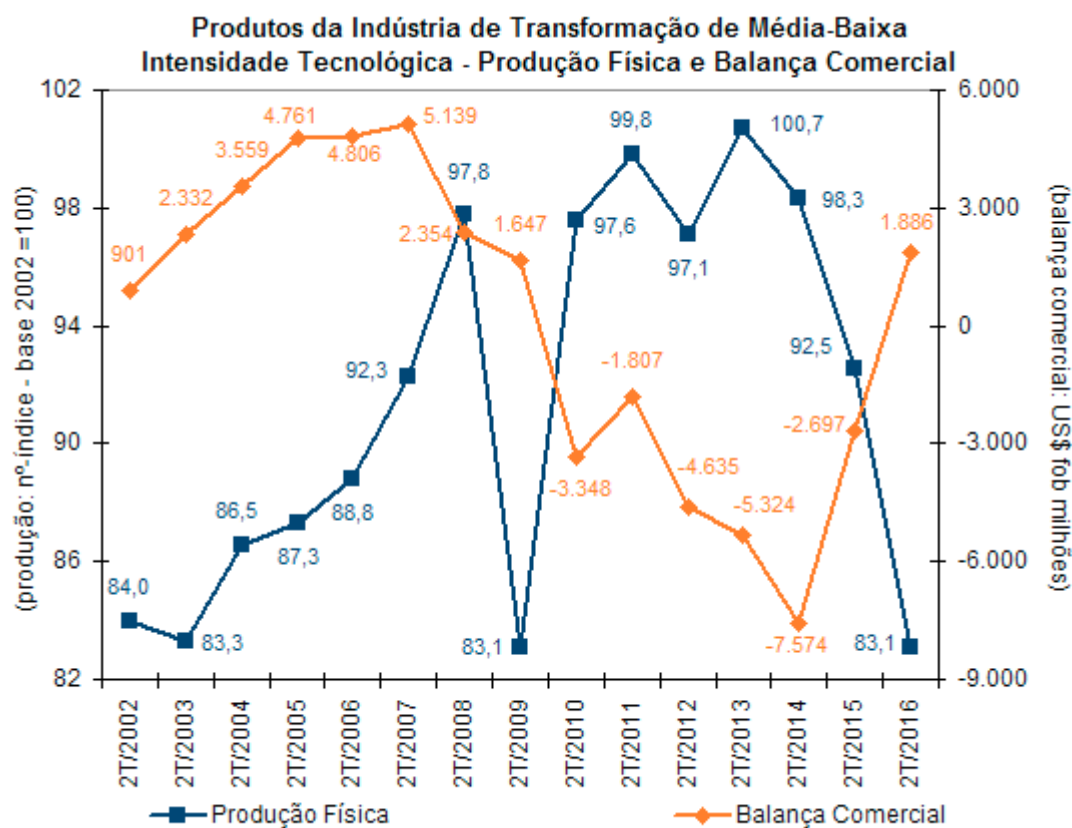
Já a fabricação de veículos automotores registrou a maior retração em janeiro-junho dentro dessa faixa de intensidade tecnológica, variação de -21,2%. A queda para doze meses foi ainda maior, recuo de 26,8%. Em abril-junho, a produção automotiva diminuiu 14,0% frente igual período de 2015. Em março, o encolhimento foi de 4,3%. A contração do mercado doméstico responde por esses números. Esse fator também explica a mudança de sinal do saldo comercial de veículos no primeiro semestre do ano, superávit de US\$ 349 milhões.

Quanto aos ramos mais associados à indústria de bens de capital – fabricação de máquinas e equipamentos elétricos; e fabricação de máquinas e equipamentos mecânicos e não especificados em outras atividades, estes produziram bem menos em janeiro-junho, com retrações de 13,2% e 16,0%, respectivamente. No contraponto entre meses de junho, as taxas foram de 0,0% e de -2,9, melhores do que as logradas no comparativo entre segundos trimestres: -5,5% e -7,3%, respectivamente. Em doze meses, as variações foram próximas, de -16,0% e de -17,1%, respectivamente. Voltando ao acumulado do ano, o comércio exterior de máquinas e equipamentos elétricos registrou déficit de US\$ 2,2 bilhões, menor grandeza para primeiro semestre desde 2009. Todavia suas vendas para o exterior em dólares correntes caíram 9,6% no período. Já máquinas mecânicas ou não especificadas, sua balança ficou com déficit de US\$ 4,0 bilhões, o menor patamar para primeiro semestre desde 2008, com as exportações crescendo 5,3%.



Média-baixa Intensidade Tecnológica

A produção física do segmento de média-baixa intensidade também experimentou declínio de dois dígitos em janeiro-junho de 2016: -10,2% vis-à-vis igual acumulado de 2015. Tal resultado foi igual ao da comparação entre meses de junho. No contraponto entre abril-junho e mesmo período do ano anterior, queda de 10,4%. Em doze meses, o Brasil produziu 9,9% menos dos produtos dessa indústria. Já a balança comercial dos bens típicos da faixa voltou a apresentar superávit para janeiro-março após seis anos de déficit no primeiro semestre: US\$ 1,9 bilhão. Mas essa virada ocorreu com exportações em dólares correntes encolhendo 9,7%. A produção de bens metálicos, que abrange a siderurgia, e a de derivados do refino de petróleo, álcool e afins têm sido as indústrias que ditam em larga medida o comportamento tanto dos fluxos comerciais dos bens típicos desse segmento, quanto da produção física.



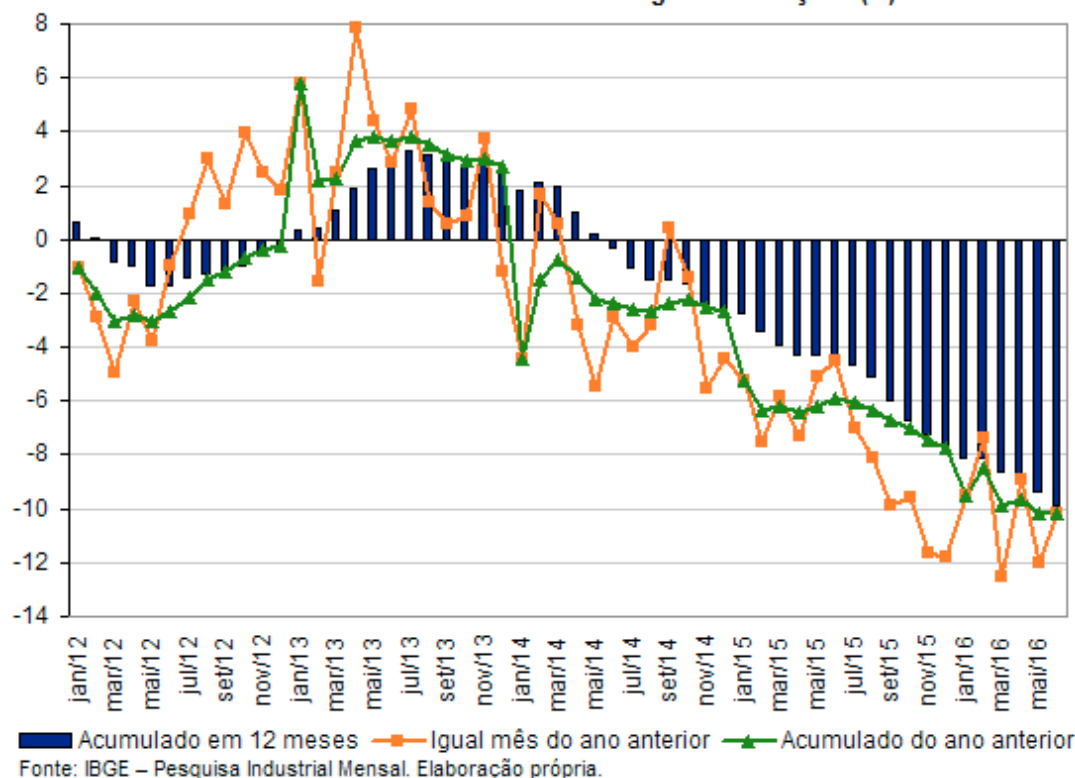
Fonte: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal. Elaboração própria com base na taxonomia da OCDE/ Standatabase.

A indústria de bens de petróleo refinado, álcool e outros combustíveis produziu 5,9% menos no primeiro semestre do que em igual período de 2015. Março teve variação de -13,2%, concorrendo tanto para a queda no semestre, quanto para o recuo de 9,8% no segundo trimestre. Em doze meses, a taxa foi de -6,1%. O intercâmbio externo dos produtos em tela experimentou déficit de US\$ 3,1 bilhões em janeiro-junho, elevado, mas de grandeza inferior à registrada nos seis anos anteriores para esse período do ano. Suas exportações em dólares correntes diminuíram 34,6%, concorrendo para a retração da produção física.

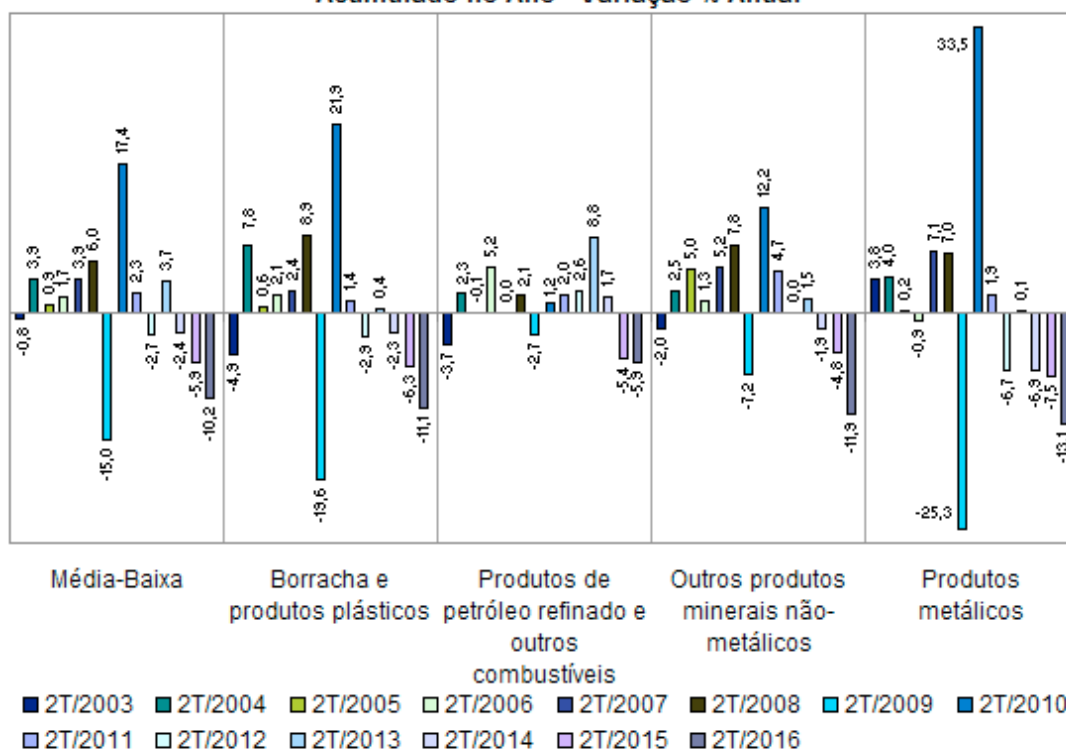
Quanto à fabricação de produtos metálicos, a queda na produção física no semestre inicial do ano passado foi mais contundente: taxa de -13,1%. O País produziu 7,1% menos no contraponto entre meses de junho e 11,3% menos no confronto entre segundos trimestres. Em doze meses, a queda atingiu 12,7%. Em janeiro-junho último, o superávit atingiu US\$ 5,2 bilhões, o maior saldo para esse período desde 2008. No entanto as vendas externas de produtos metálicos retrocederam 10,1%.

Seguindo para as demais atividades da faixa de média-baixa intensidade, a produção de outros produtos minerais não-metálicos retrocedeu 11,9% na primeira metade do ano. No segundo trimestre e em junho, as reduções foram um pouco mais brandas, taxas de -10,4% e -9,9%, respectivamente. Em doze meses, o recuo foi de 11,3%. As exportações desses bens em dólares correntes, por sua vez, recuaram 2,5% no primeiro semestre frente a igual período de 2015. Mas, ainda com isso, o saldo comercial registrou superávit. Já a fabricação de borracha e produtos plásticos registrou recuo de 11,1% em sua produção física em janeiro-junho. Suas vendas externas em dólares correntes de borracha e produtos plásticos diminuíram 5,1% no primeiro semestre, com agravante de ter sido o quarto ano seguido de queda nesse período do ano. O saldo comercial desses itens observou déficit de US\$ 660 milhões.

Indústria de Transformação de Média-Baixa Intensidade Tecnológica - Variações (%)

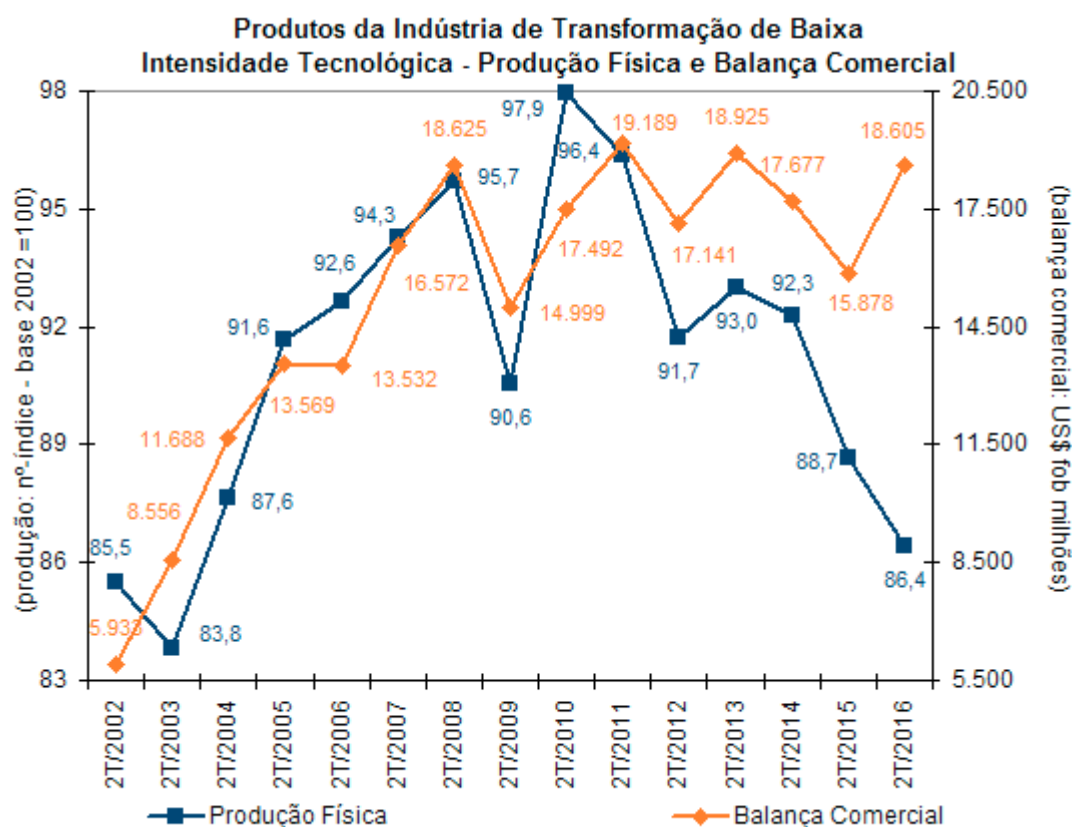


Produção da Indústria de Média-Baixa Intensidade Tecnológica Acumulado no Ano - Variação % Anual



Baixa Intensidade Tecnológica

A produção da indústria de baixa intensidade tecnológica diminuiu 2,6% no primeiro semestre vis-à-vis igual acumulado de 2015. Com tal queda, o patamar em que ficou foi o pior registrado para janeiro-junho desde 2003. No sexto mês, a queda foi de 3,2%, concorrendo para a variação negativa não só no semestre quanto no segundo trimestre (taxa de -0,3%). Em doze meses, a variação atingiu -4,5%. O saldo das mercadorias tipicamente produzidas por atividades dessa faixa, de US\$ 18,6 bilhões, no primeiro semestre continua como o único superavitário dentre os quatro segmentos por intensidade tecnológica. Foi o maior superávit para janeiro-junho desde 2013, com as exportações em dólares correntes crescendo 0,8%.



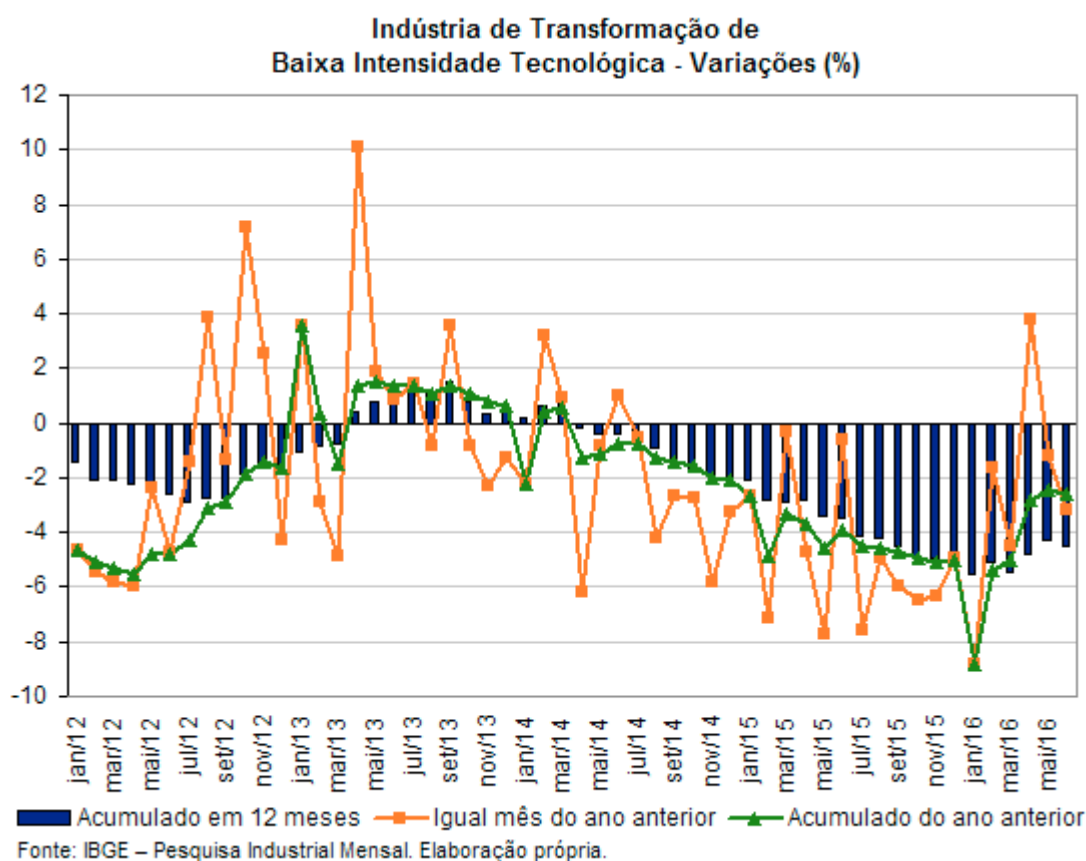
Fonte: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal. Elaboração própria com base na taxonomia da OCDE/ Standatbase.

O agrupamento de ramos dessa faixa de maior porte, as indústrias de alimentos, bebidas e de fumo cresceu 1,0% no primeiro semestre frente a igual acumulado do ano anterior. O segundo trimestre concorreu bastante para tanto, com incremento de 3,3% contra o mesmo período de 2015, a despeito da queda de 3,9% na comparação entre meses de junho. Em doze meses, ainda registra diminuição de 0,5%. Suas mercadorias têm sido as principais responsáveis pelo resultado comercial positivo dos bens típicos da faixa de baixa intensidade tecnológica, com superávit de US\$ 14,6 bilhões na primeira metade de 2016. Entretanto tal resultado positivo ficou aquém do logrado em igual acumulado dos anos de 2011, 2012, 2013 e de 2014. Menos mal que as exportações desses bens em dólares correntes cresceram 2,2% em janeiro-junho ante o mesmo acumulado de 2015.

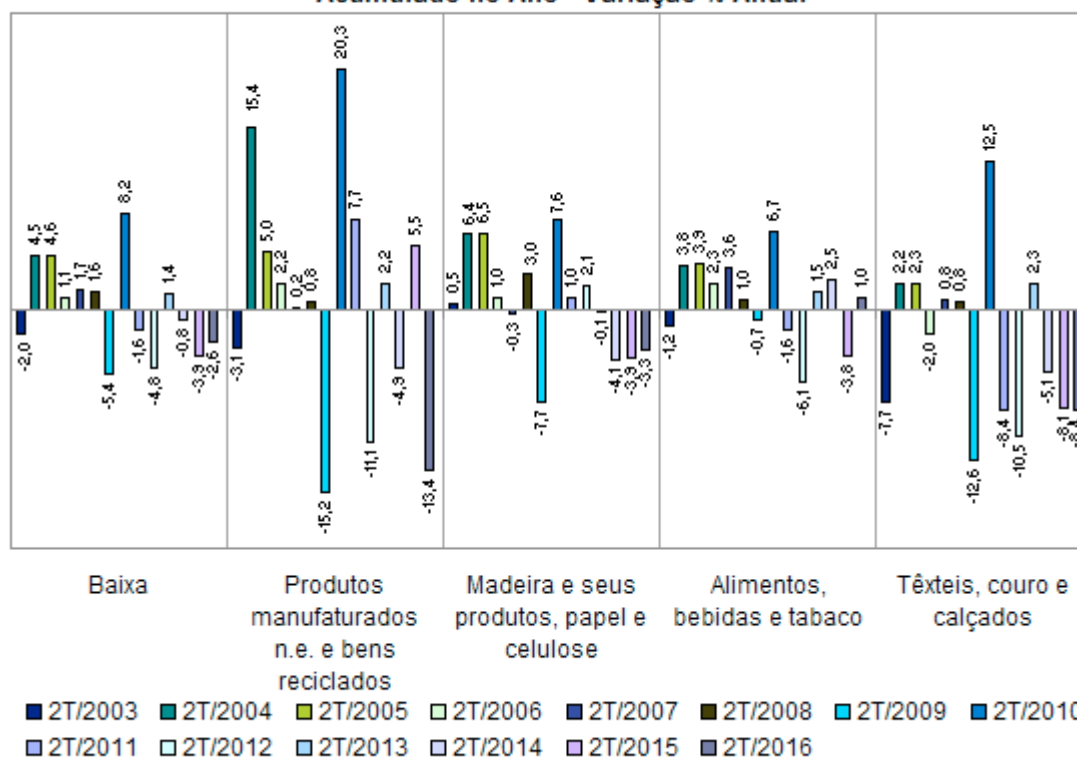
Outro conjunto de indústrias cujos produtos típicos têm obtido superávits é o formado por bens oriundos dos ramos madeireiro, de papel e celulose, gráficas e afins. Este logrou superávit de US\$ 4,2 bilhões em janeiro-junho, recorde para primeiro semestre. Para tanto, colaborou o acréscimo de 1,5% nas exportações em dólares correntes. Tal número contrasta com a queda de 3,3% na produção física na metade inicial do ano. A queda na comparação entre meses de junho foi de 2,0%, concorrendo para o recuo de 1,9% no semestre. Em doze meses, o declínio foi de 6,6%.

Os outros dois ramos são caracterizados por serem mais intensivos em força de trabalho que os demais de baixa intensidade. As atividades de fabricação de manufaturados não especificados noutras indústrias e de produtos reciclados registraram saldo comercial negativo de US\$ 130 milhões em janeiro-junho. Mais do que o déficit, também chama a atenção o recuo de 2,8% das exportações. Sua produção física declinou 13,4% na metade inicial de 2016 frente o mesmo acumulado de 2015. No segundo trimestre – comparação com igual trimestre de 2015 – a queda foi de 12,8%, sendo que, no confronto entre meses de junho, a queda chegou a 7,0%.

O conjunto das indústrias têxtil, de vestuário, calçados e artigos de couro sofreu queda na produção física de 8,4% na comparação entre acumulados do ano até junho. No contraponto entre abril-junho e igual trimestre do ano passado, a produção declinou 5,4%, mas com o mês de junho logrando ligeiro incremento, de 0,4%. Em doze meses, o retrocesso permanece na casa dos dois dígitos: queda de 11,5%. Pari passu, o saldo comercial mudou de sinal após cinco anos com déficit em seus produtos típicos no acumulado até junho, ficando com o diminuto superávit de US\$ 24 milhões. Infelizmente tal melhora não decorreu das exportações em dólares correntes, estas declinaram 10,1% em janeiro-junho, queda que concorreu para a retração da produção.



Produção da Indústria de Baixa Intensidade Tecnológica Acumulado no Ano - Variação % Anual



Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal. Elaboração própria com base na taxonomia da OCDE/ Standatabase.